

Centralidade, visibilidade e espaço público: O Calçadão Arthur Bernardes em Viçosa (MG)

Centrality, public space and visibility: The Arthur Bernardes Pedestrian Mall in Viçosa (MG)

Luiza Oliveira Pacheco¹, Fábio Cabral Durso²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o Calçadão Arthur Bernardes, localizado em Viçosa (MG), como um elemento fundamental na conformação da centralidade urbana da cidade, no contexto das transformações socioespaciais ocorridas entre as décadas de 1970 e 1980. O estudo demonstra que o Calçadão surgiu como uma solução urbana que conciliava as necessidades de mobilidade pedestre e comércio local, fruto da colaboração entre a prefeitura e funcionários da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Além de seu papel funcional, o Calçadão reforçou a centralidade de Viçosa, tornando-se um espaço público significativo na configuração urbana da cidade. A metodologia adotada combina análise histórica baseada em documentos oficiais, jornais locais, croquis arquitetônicos e entrevistas com os principais agentes envolvidos. Como resultado, o trabalho contribui para o entendimento da relação entre planejamento urbano, centralidade e uso do espaço público, destacando a importância de intervenções urbanísticas na promoção da vitalidade em cidades médias brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço público; Centralidade; Trama locacional; Ruas de pedestres.

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze the Arthur Bernardes pedestrian mall, located in Viçosa (MG), as a fundamental element in the formation of the city's urban centrality, in the context of the social and spatial transformations that occurred in the late 1970s. The study reveals that the referred pedestrian mall was designed as an urban solution that reconciled the needs of pedestrian mobility and local commerce, as a result of the collaboration between the local government and employees of the Federal University of Viçosa (UFV). In addition to its functional role, the Arthur Bernardes pedestrian mall reinforced the centrality in Viçosa, becoming a significant public space in the urban configuration of the city. The methodology adopted combines historical analysis based on official documents, local newspapers, architectural sketches and interviews with the main agents involved. As a result, this article contributes to the understanding of public space, highlighting the importance of urban interventions in promoting vitality in medium-sized Brazilian cities.

KEYWORDS: Public space; Centrality; Urban location plot; Pedestrian malls.

INTRODUÇÃO

¹ Universidade Federal de Viçosa, mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, <https://orcid.org/0009-0008-4277-852X>, E-mail: luiza.pacheco@ufv.br.

² Universidade Federal de Pelotas, doutorando em Memória Social e Patrimônio Cultural, <https://orcid.org/0000-0001-8271-9200>, E-mail: fabiodurso@outlook.com.

Este trabalho busca problematizar a constituição do Calçadão Arthur Bernardes como espaço público de Viçosa (MG), bem como sua importância para a constituição da centralidade urbana da cidade. A fim de elucidar essas questões, empreendeu-se uma investigação sobre a formação do centro da cidade de Viçosa, focalizando a acumulação de diferentes temporalidades em seu espaço ao longo da história, buscando compreender as circunstâncias que levaram à construção do Calçadão e o papel dessa obra na composição da trama locacional central urbana.

O Calçadão Arthur Bernardes pode ser concebido como um modelo urbanístico que foi implantado no final da década de 1970 a fim de promover um espaço para o consumo numa época em que o centro de Viçosa passava por importantes mudanças socioespaciais. A interlocução entre um grupo de arquitetos e professoras de uma instituição pública federal de ensino, a Universidade Federal de Viçosa (UFV), denominado “Por uma Viçosa melhor”, e a Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV), levou à execução dessa obra, que passou a proporcionar um espaço público protegido dos automóveis para a livre circulação de pedestres.

O entendimento do espaço público e das vias urbanas que compõem o Calçadão Arthur Bernardes, identificando suas características de formação, permite problematizá-lo e compreender seu significado para a centralidade urbana de Viçosa, buscando responder às seguintes questões: Como a composição do centro urbano de Viçosa interferiu nas transformações empreendidas para a construção do Calçadão? Como a construção do Calçadão Arthur Bernardes atua na configuração socioespacial do centro urbano de Viçosa? Qual a importância desse espaço na constituição da centralidade urbana da cidade?

A fim de responder a essas questões, esta investigação utilizou-se da análise documental de edições do periódico UFV Informa³, disponibilizadas em plataforma eletrônica da UFV (atom.ufv.br); reportagens do Jornal Folha Integração (também chamado Folha de Viçosa/Ponte Nova até 1974 e atualmente Jornal Folha da Mata)⁴; de atas das reuniões da Câmara dos Vereadores; de leis relacionados à posturas municipais, bem como de croquis feitos por arquitetos da UFV a fim de orientar a execução da obra, e também por meio de entrevistas, utilizando metodologia da História Oral, realizadas com ex-membros do grupo “Por uma Viçosa melhor”, ex-vereadores, comerciantes e ex-comerciantes instalados na rua Arthur Bernardes, além de moradores

³ Trata-se de uma publicação impressa oficial da UFV instituída em 1969, contemplando temas ligados ao regime didático da instituição, bem como sua organização e parcerias para projetos e pesquisas.

⁴ O jornal Folha de Viçosa foi fundado em 1963 pelo historiador, jornalista e professor Pélmio Simões de Carvalho, juntamente com o Cônego Antônio Mendes e também Silas Torres Duarte, circulando semanalmente nas cidades de Viçosa, Ponte Nova, Raul Soares, Jequeri, Rio Casca, Ervália, Ubá, Teixeiras e Urucânia. Foi denominado Jornal Integração até 1986, quando passou a se chamar Folha da Mata. Ver Coelho (2013).

e ex-moradores desse logradouro. Os entrevistados estão identificados na pesquisa por suas iniciais⁵.

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, intitulada “Espaço público e centralidade”, são abordados os referenciais teóricos relevantes para a constituição dos centros urbanos e a configuração do espaço público nessas áreas. Na segunda parte, “Viçosa e seus espaços”, exploramos a história da cidade de Viçosa, com ênfase no desenvolvimento de seu espaço construído. Nesta seção, analisamos as diferentes fases de expansão da cidade e como cada uma delas impacta a constituição de sua área central. Na terceira parte, “Calçadões: no Brasil, no mundo e no interior de Minas Gerais”, examinamos a origem das ruas de pedestres, conhecidas popularmente como calçadões, e estudamos o contexto histórico da construção do Calçadão Arthur Bernardes em Viçosa. A quarta e última parte, “Considerações finais”, apresenta as conclusões deste trabalho.

ESPAÇO PÚBLICO E CENTRALIDADE

Segundo Corrêa (1989), as relações espaciais dentro da cidade se manifestam por meio dos fluxos de pessoas e veículos associados à carga e descarga de mercadorias e aos deslocamentos cotidianos entre áreas residenciais e locais de trabalho. A articulação entre esses diferentes espaços se manifesta de modo menos visível, uma vez que, dentro do sistema econômico capitalista, as relações que a envolvem também englobam questões referentes à tomada de decisões sobre investimentos de capital. Para Cardoso (2022), alguns agentes que atuam sobre a gestão e uso da terra podem ser identificados como “donos da cidade”, dada a pressão que exercem sobre o Estado, determinando o ordenamento do espaço das cidades.

Ainda segundo Cardoso (2022), podemos identificar como donos da cidade os agentes imobiliários, representados por empresas comerciais e financeiras, e o próprio Estado: enquanto aqueles atuam na promoção imobiliária, no financiamento, na construção e comercialização de terras ou imóveis, este atua na organização, na indústria e no consumo de espaços e propriedades fundiárias, por meio da regulação do uso do solo urbano. Ao privilegiar determinados setores que produzem o espaço com políticas públicas e investimentos, o Estado contribui para gerar uma valorização desigual das diferentes áreas da cidade, bem como uma apropriação desigual desses espaços por diferentes segmentos sociais (Ribeiro Filho, 1997).

⁵ A amostra em bola de neve foi utilizada em associação à História Oral na realização das entrevistas, uma vez que os atores envolvidos na pesquisa são pessoas em idade avançada e que não desejam se expor (Bockorni; Gomes, 2021). As entrevistas foram aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFV em 14 de dezembro de 2021.

Nesse sentido, a atuação do Estado, por meio da edição de legislações urbanísticas de ordenamento de uso e ocupação do solo em sintonia com as demandas do mercado, contribui para modificar o mapa de valores da terra urbana e também para diferenciar as construções no espaço da cidade (Ribeiro Filho, 1997). Desta forma, na medida em que esta se torna um negócio para o capital, as leis de mercado passam a ditar as regras do ordenamento espacial urbano, fazendo com que os processos de valorização do espaço passem necessariamente pela mercantilização dos lugares. Assim, o espaço passa a ter cada vez mais importância para o capital (Botelho, 2007).

O comércio potencializa a valorização de um local, valendo-se das condições morfológicas do espaço urbano e da presença do público, dirigindo seu olhar a fim de alcançar o objetivo imediato de vender (Gomes, 2013). Algumas condições morfológicas⁶ favorecem a qualificação de um espaço como público. Essa atribuição, no entanto, só ganha sentido quando se leva em conta a maneira como esses espaços são estruturados e vividos, uma vez que não possuem um conteúdo absoluto: espaços públicos encerram diferentes usos e funções no contexto das cidades e devem ser encarados como lugares sociais, nos quais múltiplos significados são produzidos diariamente (Gomes, 2018).

O espaço público designa a jurisdição de um espaço forjado para o bem comum, assim, abordá-lo implica tratar também as disputas de poder que envolvem o direito a sua utilização, as quais ocorrem de diversas formas, seja por meio da ação política ou pelo acirramento da especulação imobiliária (Maya-Monteiro, 2008). Desta maneira, importa-nos compreender o Calçadão Arthur Bernardes como um espaço público na medida em que sua concepção, voltada para a permanência e uso recreativo, com a instalação de equipamentos urbanos que reforçassem essa função, encontrou tensionamentos com a atividade comercial e imobiliária que se desenvolvia em Viçosa na década de 1970, principalmente por se tratar de uma via localizada no centro da cidade.

Espaços centrais das cidades, em especial espaços públicos, são sempre locais de exposição, exercendo forte influência no imaginário da cidade, sendo por isso cobiçados por quem disputa reconhecimento e visibilidade (Gomes, 2013). A consolidação de um território como central deve ser entendida como resultado de uma série de fatores que o transformou em centro, resultante de processos históricos e também de uma construção simbólica (Fonseca, 2012), uma vez que se

⁶ Segundo Lamas (2004), o conceito de morfologia urbana refere-se ao estudo das formas físicas das cidades, que envolve a análise das configurações espaciais dos elementos que compõem a estrutura urbana. Esse conceito se alinha a esta análise, pois, conforme discutido pelo autor, observa-se que as formas urbanas na cidade de Viçosa mudaram ao longo do tempo, influenciadas por fatores históricos, culturais, sociais e econômicos. Lamas também aponta que a morfologia urbana não se limita à descrição das formas visíveis, mas também envolve a compreensão dos processos que levaram à configuração dessas formas, incluindo as decisões de planejamento, as práticas de construção e os usos do solo. Assim, a forma como o comércio se posiciona e potencializa a valorização de um local está intimamente ligada à morfologia urbana e à dinâmica dos espaços públicos.

tratam de lugares que ampliam a visibilidade, exercendo forte reconhecimento no imaginário da cidade. Certos logradouros concentram a atenção, atuando como cenários da vida urbana, um resumo das formas de sociabilidade, e constituindo um ingrediente fundamental na definição dos traços que caracterizam a cidade.

Desta maneira, para compreendermos a centralidade como uma qualidade relacionada ao centro, devemos levar em consideração que ela deriva da importância dada a esse espaço da cidade, caracterizando-se também por fatores como seu simbolismo, geralmente associado a questões afetivas, históricas ou ideológicas:

[...] a área central da cidade tende a se destacar das demais pela concentração de atividades, traduzido na intensidade do uso do solo e concentração de empregos, pela relativa facilidade de acesso via meios de transporte que para lá convergem, e pela atração que exerce tanto sobre seus cidadãos e sobre visitantes. Esta combinação faz do centro um lugar dinâmico e disputado, tendendo a traduzir a cultura urbana da cidade (Fonseca, 2012).

Corrêa (1989) aborda o surgimento da área central da cidade a partir de uma análise que privilegia processos de acumulação de capital e reprodução social como fundamentais para a criação de formas e funções espaciais. Desta forma, a constituição do centro se processa na medida em que para aquele espaço convergem comércios e serviços, bem como centros administrativos públicos (Gluszevicz; Martins, 2013). Já a centralidade

[...] é entendida como algo que se expressa a partir de um centro, como a sua capacidade de concentrar e atrair atividades e pessoas e, portanto, polarizar uma determinada área, organizando os fluxos que a percorrem. Com isso, quanto mais intensa a centralidade de um centro, mais forte a sua capacidade de polarização, logo, maior a quantidade de atividades ou pessoas que o mesmo é capaz de atrair. A centralidade também está ligada à quantidade de fluxos que perpassam o centro. Assim, quanto mais intensa a quantidade de fluxos que convergem para o centro e de lá divergem para outras áreas, maior o grau de centralidade desse centro (Silva, 2013).

Assim, cabe-nos analisar a partir daqui a formação da cidade de Viçosa, a fim de compreender os fatores que competiram para o debate entre diferentes agentes acerca de seu centro e sua funcionalidade e posterior construção do Calçadão Arthur Bernardes.

VIÇOSA E SEUS ESPAÇOS

O vilarejo que deu origem à cidade de Viçosa surgiu ainda no século XVIII, no auge do período da mineração em Minas Gerais, tornando-se uma das principais fontes de abastecimento de gêneros alimentícios para as populações de Vila Rica e Ribeirão do Carmo (hoje Ouro Preto e Mariana, respectivamente). Com o declínio da mineração no século XIX, a base econômica desse povoado, fundamentada na agricultura diversificada e na pecuária, começou a se transformar,

encontrando na monocultura do café sua nova principal atividade econômica (Baêta, 2016). Acredita-se que a construção da capela no terreno que hoje corresponde à praça Silviano Brandão tenha sido a causa do povoamento de Viçosa (IBGE, 2022), correspondendo ao seu núcleo central inicial.

Em 1884, a chegada da estrada de ferro “The Leopoldina Railway” trouxe a Viçosa um novo sentido mercantil, decorrente da necessidade de transporte da produção regional, principalmente de café (Maria; Faria; Stephan, 2014): a primeira estação da ferrovia que chegava à cidade estava localizada distante de seu núcleo central, mas, ainda assim, ajudou a dinamizar sua vida política, econômica e cultural (Honório, 2012).

Em 1920 a Lei n. 761, de 6 de setembro, marcava o ato legal de criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), instituição que surgia principalmente para impulsionar a política de diversificação produtiva por meio da modernização da agricultura. A Escola foi construída em uma área de topografia privilegiada, a cerca de 1 Km do centro de Viçosa (Bernardes, 2013). Segundo Mello, o vale contíguo à área já ocupada da cidade, que passou a abrigar a ESAV, foi conseguido em virtude da compra e de desapropriações de terras, constituindo uma barreira à expansão urbana, que tomou, assim, outras direções (Mello, 2002).

A inauguração oficial da Escola aconteceu em agosto de 1926. Seu projeto visava, sobretudo, que a instituição não dependesse de serviços da cidade, de forma que o campus conseguisse comportar serviços variados a fim de atender às pessoas envolvidas em atividades da ESAV (Andrade, 2015). A ESAV se expandiu com o passar dos anos e, com isso, Viçosa viu sua população ligada à instituição aumentar. Em 1948, a Escola foi transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), que trouxe mais recursos para a instituição e, conseqüentemente, aumentou o número de estudantes e funcionários, incrementando o afluxo de pessoas para a cidade (Ribeiro Filho, 1997).

Em 1948 também foi aprovado em Viçosa o Código de Posturas do Município, que, conforme Lopes (2011), não trazia nenhuma referência à política urbana. Apenas em 1956 é que passou a vigorar o primeiro Código de Obras da cidade, estabelecendo como os projetos arquitetônicos deveriam ser apresentados para apreciação, buscando determinar um padrão de construção (Ribeiro Filho, 1997).

Na década de 1950, o centro da cidade se caracterizava pela diversidade de usos, com a predominância de residências, comércio e serviços. Já os bairros adjacentes ao centro se caracterizavam pelo predomínio do uso residencial, com insignificante comércio local em relação ao que existia no centro (Ribeiro Filho, 1997). Nessa época, a área central da cidade correspondia ainda ao eixo representado pela praça Silviano Brandão, onde se concentravam o comércio e as

atividades sociais realizadas em espaços públicos, e a praça do Rosário, que se conecta à avenida P. H. Rolfs, que levava à UREMG.

Figura 1 - A rua Arthur Bernardes em 1950.



Fonte: Arquivo Central e Histórico/ATOM-UFV.

Entre as duas praças está localizada a rua Arthur Bernardes, uma via de aproximadamente 700 metros de comprimento, que era caracterizada pelo uso misto (comercial e residencial).

Ela [a rua Arthur Bernardes] sempre teve uma característica comercial, desde que eu me lembro que eu vim de Ponte Nova [na década de 1940], tinha lojas comerciais ali, lojas de ferragem, farmácia... até me lembro de três farmácias naquela rua (Entrevista com L. N. F.).

[Tinha] Alfaiate, barbeiro... as lojas aqui tinha mais fotógrafo, farmácia... [A rua Arthur Bernardes] Era a rua das farmácias, dos barbeiros, de outras coisas... residência mesmo, eram poucas... quando tinha dois andares, [a família] morava em cima e tinha a loja embaixo (Entrevista com R. D. S.).

Em agosto de 1969, a UREMG tornou-se Universidade Federal de Viçosa (UFV). O crescimento da instituição se refletia na expansão urbana de Viçosa, que via também sua população aumentar: em 1960 a população da cidade era de 21.120 habitantes, passando para 25.784 em 1970 (Silva, 2014). Em entrevista ao Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova, em fevereiro de 1974, o reitor recém-eleito Antônio Fagundes de Souza afirmou que “a vida da Universidade Federal de Viçosa e da nossa comunidade viçosense são uma só”⁷, dando indícios de que o relativo isolamento da UFV em relação à cidade de Viçosa ia se diluindo.

Em 1977, a UFV passava de 8 para 21 cursos de graduação (Castro, 2015). Essa expansão era percebida na alteração dos pólos de atração da cidade: áreas como a avenida P. H. Rolfs, que levava à UFV, ganharam importância no mercado imobiliário devido a sua proximidade com a instituição. O campus, que antes ficava afastado do núcleo central da cidade, tornou-se atrator de centralidade (Andrade, 2015).

Silva (2014) afirma que existia uma predominância de investimentos autônomos na construção civil na área central de Viçosa durante a década de 1970, na qual foram realizados 23

⁷ Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova, n. 249 e 250, ano 10. 17/02/1974 e 24/02/1979.

novos procedimentos de parcelamento do solo em Viçosa (Ribeiro Filho, 1997). Foi quando o mercado construtor se consolidou na cidade, representando seu setor mais dinâmico e maior empregador de mão de obra. Enquanto os mais ricos se estabeleciam nos bairros com infraestrutura já consolidada ao redor do centro, a Lei n. 609 de 31 dezembro de 1971 proibia a construção de casebres na mesma área de Viçosa. A fase de expansão em que se encontrava a UFV, fruto das políticas públicas do governo militar, proporcionou o crescimento das atividades urbanas de suporte na cidade de Viçosa, como a prestação de serviços e o comércio (Silva, 2014).

O aparato burocrático do poder público municipal não estava preparado para administrar tão rápido crescimento. Desta forma, serviços de infraestrutura e equipamentos urbanos não eram suficientes para atender a população residente e a que viria a se instalar na cidade (Ribeiro Filho, 1997). O final da década de 1970 ficou caracterizado pela aprovação, na administração de César Sant’Anna Filho, de novas legislações urbanísticas. O novo Código de Posturas (Lei Municipal n. 308/1979) foi mais sucinto e não tratou de questões urbanísticas, que foram contempladas no Código de Obras, instituído pela Lei Municipal n. 312/1979.

O aumento substancial na frota de veículos automotores na cidade, consequência do aumento populacional, também passa a constituir um problema, uma vez que as ruas e calçadas não comportavam o fluxo de pedestres e de carros, devido a sua largura reduzida (Ribeiro Filho, 1997). Além disso, a permissividade do poder público levou a quantidade de espaços públicos, principalmente aqueles voltados para o lazer, a números insignificantes em relação aos espaços privados. Mesmo com a aprovação da Lei n. 224, de 1977, que obrigava os projetos de loteamento a conter áreas de uso público destinadas à recreação, muitos são os bairros de Viçosa que não possuem uma única praça, sendo a que a cidade não dispunha, como não dispõe até o presente momento, de um parque público (Ribeiro Filho, 1997).

Exceto por algumas ações pontuais, com implicação para o coletivo, que decorreram da demanda de alguns setores ligados à UFV, nas décadas de 1970 e 1980 a produção do espaço urbano de Viçosa decorreu de ações deliberadas por um grupo restrito de agentes da cidade ligados ao mercado imobiliário. Dentro dessa dinâmica é que surgiu o grupo “Por uma Viçosa melhor”, fruto de reuniões entre funcionários da instituição, e que fez a proposição da obra à PMV.

Oportunizada pela série de mudanças pelas quais o centro de Viçosa passava no fim da década de 1970, a construção do Calçadão Arthur Bernardes, tratada como “a obra do século” nas páginas dos jornais⁸, representava o advento de um sentido mercadológico mais acentuado para o centro da cidade, uma vez que fazia parte da agregação de externalidades positivas ao logradouro, a

⁸ Reportagem “Obras da rua Artur Bernardes marcarão Administração César Santana”. Jornal Folha Integração, ano 16, 17 jun. 1979, n. 499.

fim de atrair investimentos imobiliários. A construção do Calçadão Arthur Bernardes se insere na problemática de mudanças nas relações sociais e comerciais empreendidas em Viçosa na década de 1970.

CALÇADÕES – NO BRASIL, NO MUNDO E NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

O termo calçadão é utilizado como correspondência à expressão *pedestrian mall*, que designa vias constituídas para a circulação exclusiva de pedestres, também conhecidas como ruas pedonais (Sandrini, 2021). Na Europa, após a II Guerra Mundial os calçadões passaram a ser implementados como estratégia de renovação urbana em distritos centrais (Sandrini, 2021), uma vez que o êxodo das classes médias dos centros das cidades fez com que esses núcleos deixassem de receber investimentos durante o conflito, perdendo vitalidade econômica (Fonseca, 2012).

Após desenvolver-se como um campo disciplinar que buscava enfatizar a dimensão humana do espaço urbano e o papel social e cultural das ruas (Maciel; Fialho; Rigatti, 2021) em países da Europa e nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960, o desenho urbano no Brasil, durante a década de 1970, surgia como um campo de atuação que buscava “resolver dificuldades políticas e tecnocráticas do planejamento urbano no âmbito da questão ambiental e para tentar resolver ao crescente interesse público pela preservação das construções” (Januzzi, 2006).

Aliado a isso, as mudanças nos hábitos da população, atreladas a fatores como o congestionamento derivado do aumento da frota de veículos automotores, o aumento da sensação de insegurança e a diminuição de atividades de lazer, levaram a um desenvolvimento comercial na periferia das cidades e um conseqüente abandono das áreas centrais pela população, bem como uma queda das vendas do varejo acarretada pelo aparecimento de formatos comerciais como os *shopping centers* (Januzzi, 2006).

A criação dos calçadões, assim, se insere em um contexto de reorganização espacial das cidades a fim de atrair público e investimentos por meio da revitalização dos centros das cidades (Fonseca, 2012). O novo modelo de projeto urbano no qual a pedestrianização⁹ de ruas se insere buscava responder ao abandono e decadência de determinadas áreas das cidades, proporcionando a possibilidade de criação de uma nova imagem dos centros urbanos. Essa nova imagem é de extrema importância na medida em que traduz uma intenção arquitetônica e um conceito de espaço público, buscando a atração de novos capitais por meio de seus novos elementos estruturadores (Januzzi, 2006).

⁹ O termo pedestrianização refere-se à prática de fechamento de ruas visando sua transformação em locais de comércio e (ou) lazer (Januzzi, 2006).

No Brasil, os calçadões começaram a ser implantados durante a década de 1970, seguindo a influência norte-americana, que já contava com esse tipo de estrutura desde o fim da década de 1950 (Fonseca, 2012). O primeiro município brasileiro a intervir em seu centro histórico a fim de aprimorar sua imagem foi a capital paranaense, Curitiba, que passava por uma expansão urbana acelerada e seus espaços públicos centrais encontravam-se deteriorados e com tráfego intenso de veículos (Sandrini, 2021). Após esse empreendimento na cidade, outros calçadões foram instalados em cidades de diversos tamanhos, como São Paulo, Florianópolis, Londrina, Juiz de Fora, Bauru e Ponta Grossa, entre as décadas de 1970 e 1980. No Brasil, os calçadões tornaram-se parte de um “modismo” e tiveram sua construção ligada muitas vezes à promoção política dos prefeitos de diversas localidades (Januzzi, 2006).

A fim de solucionar problemas relativos ao tráfego de automóveis e seu conflito com a circulação de pedestres, a problemática da pedestrianização de ruas em áreas centrais se insere em um movimento de crítica ao modelo urbanístico moderno desenvolvido na primeira metade do século XX, que objetivava um retorno à rua, com foco no pedestre e em atividades que permitissem as relações de socialização no espaço público urbano (Fonseca, 2012).

Ao compreendermos o espaço público como *mise-en-scène* da vida pública e associá-lo ao fenômeno da centralidade, entendemos que o lugar físico orienta as práticas e guia os comportamentos ali vividos, os quais reafirmam o estatuto público desse espaço (Gomes, 2002). Dentro da trama locacional das cidades, a posição das ruas constitui elemento fundamental, uma vez que há locais que são instituídos como lugares de visibilidade, nos quais uma determinada ordem espacial os constitui em áreas fundamentais para observar a cena pública, permitindo compreender a expressão da vida urbana. Assim, espaços públicos são lugares demonstrativos, nos quais se afirmam valores e comportamentos e onde se desenrolam interações e encontros (Gomes, 2013).

O comércio potencializa a visibilidade e se vale das condições morfológicas do espaço urbano e da presença do público a fim de alcançar seu objetivo imediato: vender. Além disso, em espaços públicos centrais é possível observar um resumo da vida urbana cotidiana, uma vez que são carregados de diversos enredos e personagens (Gomes, 2013).

Seguindo o período de intensas transformações no centro de Viçosa, em fevereiro de 1979, em entrevista ao Jornal Folha Integração, o então prefeito César Sant’Anna Filho declarou que, a fim de resolver o que chama de “problema do trânsito” na rua Arthur Bernardes, estudava a possibilidade de transformá-la em rua de pedestres. Sendo um logradouro central em Viçosa, que liga a avenida P. H. Rolfs, onde se encontra a UFV, à praça Silviano Brandão, importante núcleo de sociabilidade desde a fundação da cidade, seu reordenamento estava na agenda da administração municipal, por sua característica central e comercial.

Figura 2 - A rua Arthur Bernardes em 1977.



Fonte: UFV Informa n. 497, disponível no Arquivo Central e Histórico/ATOM-UFV.

Além disso, seguindo a realização de intervenções na praça Silviano Brandão¹⁰, a retubulação das redes de escoamento de água pluvial na rua Arthur Bernardes passou a ser discutida, tornando central o debate acerca de sua funcionalidade e centralidade, uma vez que passava a ser divulgada, em reportagens jornalísticas, a possibilidade de sua transformação em rua de pedestres¹¹.

O apoio técnico de profissionais da UFV à realização das obras de escoamento pluvial na rua Arthur Bernardes foi manifestado nas notas divulgadas no jornal Folha Integração pelo grupo “Por uma Viçosa melhor”, a fim de atrair o apoio popular e difundir outros ideais de organização espacial almejados por seus integrantes. A respeito da formação do grupo, uma de suas ex-integrantes explica que se tratava de uma organização informal entre mulheres, mas que visava implementar transformações profundas na forma física da cidade:

Foi assim: a gente estava numa reunião numa casa, não é? Como se fosse chamado para tomar um vinho, uma coisa, e aí começamos a falar de Viçosa, aí surgiu a ideia. “Vamos fazer um trabalho, vamos fazer e tal”. Aí convidamos algumas pessoas e o negócio foi tomando pé, não é? E foi aí que resolvemos chamar um arquiteto para fazer o planejamento, porque aquilo ali é, como eu disse, competência de um arquiteto, não é? Não, não era competência nossa. A gente tinha as ideias, mas não tinha, vamos dizer assim, o gabarito para executar, não é? Aí foi desenvolvendo, aí apareceu o problema [da coleta] do lixo. Aí nós começamos a fazer a campanha do lixo, conseguimos o primeiro caminhão basculante, não é, aquele que roda, não é? Para apanhar o lixo (Entrevista com M. E. L. M.).

Os princípios que orientavam o grupo eram o conforto, a segurança e a limpeza. Além disso, buscava-se seguir princípios urbanísticos já observados no campus da UFV, com destaque para uma hierarquização das vias, sendo uma principal e as demais secundárias (Ribeiro Filho, 1997). O primeiro anúncio do movimento foi veiculado no Jornal Folha Integração, em 24 de junho de 1979,

¹⁰ Durante a gestão do prefeito Geraldo Lopes Faria (1967 a 1970), foi construído na praça Silviano Brandão o monumento em homenagem ao ex-presidente Arthur Bernardes, além das obras de instalação de bancos durante a gestão de Moacir Dias de Andrade (1963 a 1966). Ver em Gomes (1997).

¹¹ Trecho da reportagem “Obras da rua Artur Bernardes marcarão Administração César Santana” do Jornal Folha Integração, n. 499, ano 16, 17/06/1979.

demonstrando a preocupação de seus integrantes com questões como a higiene de estabelecimentos comerciais e o trânsito.

Continua chegando ao conhecimento dos viçosenses, pelos meios de comunicação da cidade, o andamento do movimento feminino tentando motivar a opinião pública no sentido de o povo participar de trabalho conjunto capaz de melhorar as condições de vida da cidade. [...] Com o comércio trabalhou a comissão de limpeza distribuindo carta informativa do trabalho feminino. Vale dizer que a adesão pareceu ser maciça. Encontrou-se abertura para a ideia e já desponta, em alguns mercados, melhor aspecto na apresentação e cuidados no atendimento. [...] Quanto à segurança no trânsito, a responsabilidade é mais de cada um do que transferir apenas para o zelo do policiamento. Mesmo porque a vigilância não pode se estender a todas as ruas e os abusos acontecem em qualquer lugar [...]. Mão e contramão, via preferencial, estacionamento, enfim, todas as indicações específicas existem, programadas para serem usadas visando a segurança coletiva. Cada cidadão responsável pelo uso de seu veículo, é saber usá-lo e o pedestre, displicente, não abusar de sua condição. Criança é situação especial. Respeitá-la é dever e devoção. A comissão de urbanização a quem o movimento feminino entregou a responsabilidade de planejar novas vias para o trânsito, dentro de maneira mais racional, fez estudo amplo do problema. O projeto, entregue ao Executivo local, merece ser apreciado. É grande. Projeto que uma Prefeitura de recursos limitados como a de Viçosa não terá, sem ajuda, condições de executar da noite para o dia [...]. É esperar e torcer para que dê certo; enfim, estamos todos JUNTOS POR UMA VIÇOSA MELHOR¹².

Na Câmara de Vereadores, a formação do grupo foi tratada, mas de forma lateral, uma vez que os membros do movimento buscaram o Executivo municipal a fim de tratar sobre os projetos que possuíam, mas, sem diálogo com o Legislativo que fosse encontrado durante esta pesquisa. Verifica-se a anuência da administração municipal em atender esses agentes ligados à UFV.

[...] Informou ainda que estava sendo formado em Viçosa um movimento feminino em prol de uma Viçosa Melhor. O vereador Francisco Machado Filho disse que se tratava de movimento apartidário e que essas senhoras já haviam procurado o Prefeito e o Delegado se colocou à disposição deles para fazerem alguma coisa por Viçosa. O vereador Geraldo Eustáquio Reis disse que as pessoas estão prontas para fazerem críticas mas não apresentam soluções (Ata de reunião ordinária da Câmara Municipal de Viçosa, realizada no dia 18 de maio de 1979).

Além da preocupação com a higiene e o trânsito, a construção de espaços públicos de lazer e o embelezamento da cidade eram bandeiras do movimento:

O projeto “Por uma Viçosa melhor” começou com a ideia de transformar aquela área onde hoje está o Shopping Viçosa [construído em 1988] em uma área de lazer, porque era [presente ali] uma vegetação muito boa, era um bosque, então nós queríamos ali criar uma área de lazer, e aí surgiu a ideia do “Por uma Viçosa melhor”. Certamente não era só isso, outras coisas estavam no contexto das conversas, mas era isso a conexão com a UFV, certo? E nessa história toda, surgiu o Calçadão (Entrevista com A. S. Z.).

[...] Era um grupo recém chegado a Viçosa com alguns professores que voltavam dos EUA e a cidade era muito feia. A rodoviária era um pavor! Eu cheguei de carro e me assustei.

¹² Fonte: Jornal Folha Integração, n. 500, ano 16, 24 de junho de 1979.

Penso nos coitados dos alunos que chegavam pela primeira vez nesta rodoviária! Deviam ter vontade de pegar o ônibus de volta (Entrevista com C. M.).

Como vimos, o interesse do grupo perpassava a realização de diversas obras de reordenamento espacial na cidade, tema que também era tratado na administração pública municipal, com a realização de obras na praça Silviano Brandão (Gomes, 1997), e na administração da UFV, reflexo da expansão que a instituição experimentava à época. Além disso, o enfrentamento à “feiúra” da cidade se fazia presente no discurso do coletivo “Por uma Viçosa melhor”, a fim de construir uma imagem de um centro que fosse, ao mesmo tempo, belo e funcional.

Figura 3 - Perspectiva apresentada como projeto pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” para a construção do Calçadão Arthur Bernardes



Fonte: Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa (ACH-UFV).

O movimento das obras de instalação da rede pluvial na rua Arthur Bernardes, iniciado em junho de 1979, foi seguido pela decisão de fechamento da via ao trânsito de veículos, demonstrando a ativa participação dos membros do “Por uma Viçosa melhor” no debate urbanístico da cidade¹³.

Figura 4 - Foto da reportagem “Obras da rua Arthur Bernardes marcarão Administração César Santana”



Fonte: Jornal Folha Integração, edição n. 499, ano 16, 17/06/1979.

¹³ Jornal Folha Integração, n. 497, ano 16, 03 de junho de 1979.

Além do croqui em formato de perspectiva (Figura 4), foi doada à PMV uma planta com descrições detalhadas do projeto, que previa a instalação de postes de iluminação e mobiliário urbano (bancos, floreiras, lixeiras e porta-cartazes), bem como a plantação de árvores. A construção de uma rua exclusiva para o trânsito de pedestres no centro de Viçosa ia na contramão do crescimento da frota de veículos da cidade. Essa preocupação se refletiu no extenso tempo de execução da obra, que passou por meses de indefinição¹⁴. Apesar da incerteza acerca do projeto a ser executado, após a definição de fechamento da rua Arthur Bernardes com a construção da rua de pedestres, as chamadas do grupo “Por uma Viçosa melhor” nas páginas do jornal Folha Integração foram suspensas. O último anúncio encontrado durante esta pesquisa data de 22 de julho de 1979.

Esse relativo afastamento do grupo refletiu-se na efetiva execução da obra a partir de outubro de 1979. Após a finalização da tubulação das redes pluviais na via, foi iniciada a colocação de pedras portuguesas, visando a diferenciação do piso das demais ruas da cidade, seguindo o exemplo do calçadão da rua XV de Novembro, em Curitiba. Apesar disso, o projeto que passou a orientar a obra não visava mais a colocação de mobiliário urbano, enfatizando seu caráter de espaço público de passagem e voltado para o incremento da visibilidade do comércio local.

Apesar de reportagens do jornal Folha Integração apontarem a inauguração do Calçadão Arthur Bernardes até o fim do ano de 1979¹⁵, ainda em 1980 as obras seguiam sua fase final, “onde uma pista central servirá para os serviços de carga e descarga de mudanças, materiais de construção etc., embora o trânsito normal de veículos seja, conforme noticiamos em outras edições, proibido”¹⁶. O projeto inicial de fechamento da rua Arthur Bernardes, contudo, foi concluído no primeiro semestre de 1980.

Faz-se necessário enfatizar que a execução da obra foi de responsabilidade exclusiva da PMV. Não foram encontrados registros de discussões ou legislações referentes à concessão de recursos para execução da obra nos arquivos da Secretaria de Obras da PMV e da Câmara Municipal de Viçosa. Além disso, não foram encontrados registros de quaisquer eventos de inauguração do Calçadão Arthur Bernardes, que também não foram relatados pelos entrevistados.

O novo modelo urbanístico representado pelo Calçadão materializa uma nova escala de visibilidade que se forma no centro da cidade nessa época, com a atração de olhares e capitais para a via a partir da discussão de sua forma, de sua funcionalidade majoritariamente comercial e de seu status público, relatada nas entrevistas realizadas para este trabalho:

¹⁴ Reportagem “Calçadão da rua Arthur Bernardes ainda indefinido” do jornal Folha Integração, n. 506, ano 16, de 05/08/1979.

¹⁵ Reportagem “Calçadão ficará pronto ainda este ano”, de 09/12/1979 no Jornal Folha Integração (n. 524, ano 17), informava que as obras já duravam quase 10 meses, mas que o calçadão se encontrava pronto para ser inaugurado até o fim de dezembro.

¹⁶ Reportagem “Prefeitura incrementa obras”, de 09/03/1980 no Jornal Integração, n. 05, ano 1.

É um ponto principal do comércio, então todo mundo quer vir para cá porque realmente é um lugar muito visitado, não é, por todo mundo, de toda a cidade. Todo mundo vem ao Calçadão, então as lojas que querem mostrar o seu produto, e então querem abrir loja no Calçadão e por isso que o custo foi lá pra cima, né? De aluguel (Entrevista com M. L. S.)

O calçadão, juntamente com a criação de novos cursos [na UFV], impactou em novas construções, lojas melhores e com mais opções de escolha, lanchonetes que viraram ponto de encontro, aumento de profissionais de beleza, manicure, cabeleireiras etc. Quando cheguei a Viçosa [em 1974], só tinha uma cabeleireira famosa que atendia as pessoas mais ricas da cidade, nativas ou esposas de professores mais antigos (Entrevista com C. M.)

[O comércio se] Diversificou, né... Também nesse intervalo as coisas mudaram muito, cresceu muito, não é? Então é tudo, vamos dizer assim, é tudo envolvido. Além de ter a cidade desenvolvido mais, crescido em todo lugar que também cresceu, e aquilo ali, você tem uma diversidade grande de comércio, tanto no Calçadão [...], você tá entendendo? (Entrevista com M. E. L. M.)

A configuração do espaço público não se dá somente pelos usos da forma física urbana, mas também pela incorporação de aspectos subjetivos, como os valores dos indivíduos, assim como as motivações e anseios da população como elemento não material da ocupação espacial (Cardoso, 2022). No caso do Calçadão Arthur Bernardes, sua configuração como espaço público transcende sua configuração morfológica devido a sua centralidade. Trata-se de uma via que resume as formas de sociabilidade existentes em Viçosa, devido a bem como concentra sua atividade comercial, a qual, por ter como objetivo final a obtenção de lucro por meio da venda de produtos e serviços, busca instalar-se em locais de grande visibilidade a fim de atrair o olhar de potenciais consumidores.

Desta maneira, o debate entre os projetos de espaço público apresentados pela PMV e pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” refletia interesses de controlar a localização dentro do espaço urbano de Viçosa, mais especificamente de seu centro, devido a sua valorização simbólica e mercadológica. Ao mesmo tempo, no aspecto material, a via atua como organizadora da malha urbana de Viçosa ao atuar no direcionamento de usos da zona central para a atividade comercial. Por fazer a ligação entre dois importantes núcleos de sociabilidade da cidade, a UFV e a praça Silviano Brandão, o Calçadão Arthur Bernardes tem sua visibilidade ampliada, atuando como um espaço de exposição, funcionando como uma espécie de cenário resumido da vida urbana viçosense, constituindo um ingrediente fundamental na definição dos traços que caracterizam a cidade.

O tensionamento entre o projeto doado pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” e a pedestrianização da rua Arthur Bernardes executada pela PMV reforçam seu estatuto público, na medida em que constitui um espaço de conflitos e problematização da vida social, refletido no debate entre os anseios dos integrantes do coletivo ligados à UFV e a obra entregue pela Prefeitura. Trata-se também de um lugar sobre o qual atua uma escala de visibilidade que o torna um espaço de

exposição, já que exerce forte centralidade sobre o imaginário da cidade, tornando-se alvo de disputas pelo reconhecimento de um projeto de ordenamento espacial (Gomes, 2013). Neste caso, prevaleceu o interesse da classe comercial de Viçosa, que busca se instalar em locais de grande visibilidade, a fim de expor seus produtos e serviços.

Com a vinda de novas populações para a cidade, novos hábitos de lazer e de consumo eram transplantados para uma nova realidade, principalmente a partir da federalização da UREMG em 1969 e expansão da UFV nos anos que se seguiram. Assim, a cidade outrora provinciana começava, na década de 1970, a se tornar uma cidade média, buscando atender esse novo filão de consumidores, atraindo investimentos em novos empreendimentos e acirrando a disputa entre os comerciantes já estabelecidos. O projeto do Calçadão apresentado pelos integrantes do “Por uma Viçosa melhor” objetivava a criação de uma rua de lazer, a fim de materializar uma nova imagem da cidade, que deixava o status de interiorana.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, notou-se que a imagem da cidade a ser criada era relevante na medida em que, por parte do “Por uma Viçosa melhor”, buscava-se atender o anseio do grupo dos “de fora” por meio do transplante de um modelo urbanístico que estimulasse a permanência da população no espaço urbano. Trata-se de um empreendimento que visava também o embelezamento da cidade, por meio da instalação de equipamentos urbanos como floreiras, bancos e porta-cartazes, como pode ser observado na perspectiva da Figura 4.

Já em relação à PMV, estava em sua agenda a realização de obras que resultassem na dinamização do comércio e da atividade imobiliária. A própria rua Arthur Bernardes foi alvo de promotores imobiliários durante as décadas de 1960 e 1970, devido a sua centralidade (Ribeiro Filho, 1997). Com isso, observa-se uma disputa entre os dois projetos, a qual se deve à valorização da rua Arthur Bernardes por seu posicionamento na trama locacional da cidade (Gomes, 2013).

O espaço público abrange diversas possibilidades, logo, sua existência prescinde do estabelecimento de relações entre seus usuários. Sua compreensão deve perpassar as disputas que envolvem suas diferentes formas de uso, bem como as formas de segregação urbana que esses usos podem acarretar (Cardoso, 2022). Diante dos dados apresentados, a construção do Calçadão Arthur Bernardes foi levada a cabo devido à discussão entre a PMV e o grupo “Por uma Viçosa melhor”, mas sua constituição como espaço público atravessou diferentes grupos sociais, devido à centralidade da via.

Por concentrar a atenção, seja da administração pública, por sua centralidade, ou da população, por sua característica comercial, o Calçadão Arthur Bernardes instaurou em Viçosa um regime de visibilidade atrelado ao uso mercantil do solo, que consolidou o centro como lugar dos negócios. Esse arranjo espacial evoca a concepção da cidade como mercadoria, tendo a indústria da

construção civil como “carro-chefe” desse processo, na medida em que colabora para a dinamização do comércio, com a absorção de mão de obra e a construção de edifícios de uso misto (Coelho, 2016).

A busca pela materialização dos anseios arquitetônicos e urbanísticos de diferentes grupos sociais em uma via como o Calçadão Arthur Bernardes reitera sua importância na trama locacional da cidade de Viçosa, devido ao reforço de sua centralidade a partir da construção da obra, valorizando suas estruturas comerciais e consagrando o centro e, especificamente, aquele espaço, como lócus da atividade comercial. Projeta-se, com a implementação desse modelo urbanístico, a imagem de uma cidade que busca atrair novos investimentos a partir da transformação de suas estruturas.

Essa imagem é fundamental para a compreensão da importância simbólica dada ao centro da cidade como espaço do comércio e dos negócios. Sua valorização deriva, assim, não apenas de suas estruturas físicas, mas também da visibilidade que lhe é conferida. Essa visibilidade atua na configuração do centro e, mais especificamente, do Calçadão Arthur Bernardes, como espaço público, na medida em que esses locais se tornam espaços de exibição que resumem a vida urbana de Viçosa em si, ganhando prestígio social e mercantil.

A construção do Calçadão Arthur Bernardes acarretou grandes mudanças na forma física e na trama locacional de Viçosa, atrelando o centro à atividade comercial e reforçando o papel de agentes ligados à UFV no debate urbanístico da cidade e da própria instituição na transformação do espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição do Calçadão como espaço público se dá pelo debate público incitado em torno de sua construção e, posteriormente, de sua função, evidenciando o conflito territorial existente em Viçosa entre fins da década de 1970 e o início da década de 1980, consequência do crescimento populacional ocorrido na época, que possui reflexos no espaço urbano da cidade até os dias atuais.

A construção dessa rua de pedestres, única na cidade de Viçosa e principal lócus de sua atividade comercial, por meio da interação entre agentes privados e públicos, reflete as transformações ocorridas no centro urbano da cidade durante a década de 1970, engendradas por uma intensificação da atividade imobiliária decorrente do aumento populacional. A transferência de diferentes vivências arquitetônicas, comerciais e sociais oportunizava uma dinamização dos

processos construtivos, levada a cabo por agentes imobiliários e proprietários fundiários que privilegiavam a realização de empreendimentos privados.

A discussão de sua funcionalidade e morfologia reflete a agenda de ordenamento da cidade, materializada em legislações municipais que privilegiavam o centro como local do comércio em detrimento de pequenos empreendimentos de bairro, mas também a ação de agentes ligados à UFV, que buscavam implementar na cidade princípios urbanísticos orientados pela retomada das ruas pelos pedestres e pelo embelezamento das vias centrais.

A atuação desses agentes refletia uma agenda voltada para a humanização da rua, devolvendo-a aos pedestres e constituindo espaços de permanência, seguindo a ampliação do desenho urbano no Brasil, durante a década de 1970, que se firmava como um campo de atuação que buscava solucionar questões relacionadas ao planejamento das cidades. A discussão empreendida nesse contexto sobre a funcionalidade e a morfologia da rua Arthur Bernardes reforça seu estatuto público, devido à interação entre diferentes segmentos sociais, que buscavam materializar naquele espaço seus projetos de visibilidade e espaço público.

Em conclusão, a composição do centro atrelando esse espaço da cidade de Viçosa à atividade comercial e à prestação de serviços serviu para reforçar o papel do Calçadão como lócus por excelência desse tipo de atividade, atraindo para ele a maior parte dos lojistas, bem como, a partir dos anos 2000, franquias nacionais de comércio varejista. O Calçadão, por ser um logradouro central de Viçosa, atua na em sua trama locacional como organizador da malha urbana, atraindo, além de comerciantes e público consumidor, transeuntes que buscam, em seus 700 metros de extensão, refúgio dos veículos automotores. Além disso, por sua visibilidade, torna-se espaço de manifestações artísticas, políticas e culturais, sendo um espaço público que representa a cidade de Viçosa por resumir em si sua vida urbana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I. L. de. **Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias: análise da cidade de Viçosa-MG**. 2015. 75 f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Geografia, 2015.

BAÊTA, O. V. **Estratégias como práticas sociodiscursivas em uma universidade pública: Uma abordagem crítica**. Lavras: UFLA, 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Lavras.

BERNARDES, R. **Ampulheta urbana: Uma análise da construção da Universidade Federal de Viçosa e de sua influência na (des)construção da cidade de Viçosa - MG através das transformações no tempo e no espaço**. Monografia para obtenção do título de Bacharel em Geografia, 2013.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 22, 2021.

BOTELHO, A. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. **Cadernos Metr pole**, n. 18, p. 16, 2007.

CARDOSO, S. R. P. **Espaço público na metrópole contemporânea**. Curitiba: InterSaberes, 2022.

CASTRO, M. G. **Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfigura o institucional na Universidade Federal de Viçosa**. 2015. 159f. Disserta o (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa.

COELHO, D. D. **Da Fazenda ao Bairro: a constru o de uma Nova Viçosa (1970-2000)**. 2013. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Gradua o em Geografia) - Universidade Federal de Viçosa.

COELHO, D. D. **O direito   moradia: uma análise da provisão habitacional em Viçosa (MG) entre 1964-1986**. 2016. 201f. Disserta o (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Editora  tica: São Paulo, 1989.

FONSECA, F. L. da. **Os calçadões e sua importância para a qualidade urbana na área central de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 2012. 162 f. Disserta o (Mestrado). Programa de Pós-Gradua o em Ambiente Construido, Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora.

GLUSZEVICZ, A. C.; MARTINS, S. F. O conceito de centralidade urbana: Estudo do município de Pelotas, RS. **Anais do II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produ o do espaço**. 2013.

GOMES, E. C. **Percep o do ambiente construido**. São Paulo, 1997. 203 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo. 1997.

GOMES, P. C. da C. **A condi o urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: 2002, 304 p.

GOMES, P. C. da C. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, P. C. da C. Espaço público, espaços públicos. **GEOgraphia**, v. 20, n. 44. 2018.

HONÓRIO, L. de M. **A produ o do espaço em uma cidade universitária: O caso de Viçosa, MG**. 2012. 199 f. Disserta o (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 2012.

IBGE. Cidades. **Viçosa - Histórico**. Disponível em: cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/historico.

JANUZZI, D. de C. R. **Calçadões: a revitaliza o urbana e a valoriza o das estruturas comerciais em áreas centrais**. 2006. 318 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004. p. 79-110.

LOPES, V. S. **O Plano Diretor do município de Viçosa-MG e a política de ordenamento territorial: avanços e limitações nas localidades de João Braz, Liberdade e Silvestre (2000 a 2010)**. Monografia. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa. 2011.

MACIEL, F. B. M.; FIALHO, D. M.; RIGATTI, D. Da Primeira Quadra ao Calçadão: narrativas sobre a pedestrianização do centro de Santa Maria (RS) . **Paisagem e Ambiente**, v. 32, n. 47, p. 1-17, 2021. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.173280.

MARIA, A. C. de S., FARIA, T. C. de A., STEPHAN, I. I. C. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 3, n. 1, 2014.

MAYA-MONTEIRO, P. M. Paisagem, Lugar e Espaço Público: Presença e ausência nos espaços da cidade. Rio de Janeiro, 2008. 380 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MELLO, F. A. O. **Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais**. 103 f. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Ciências Florestais. Universidade Federal de Viçosa. 2002.

RIBEIRO FILHO, G. B. **A formação do espaço construído: Cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro, 1997.

SANDRINI, Rafael Takagui. **Ruas de pedestres como espaços públicos em centros urbanos: um estudo sobre o calçadão de São Paulo**. 2021. 259 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

SILVA, M. L. da. **Expansão da cidade de Viçosa (MG): A dinâmica centro-periferia**. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória: Ufes, 2014.

SILVA, O. T. da. O conceito de centro e centralidade como um instrumento de compreensão da realidade urbana. *In: SIMPURB*, 13, 2013. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2013.